



Número 5 - Julho de 2017

DIEESE

Mercado de trabalho: milhões de desempregados e aumento da precarização do trabalho

O Produto Interno Bruto (PIB) do primeiro trimestre¹ cresceu 1,0% na comparação com os três meses imediatamente anteriores, na série com ajuste sazonal. Este é o primeiro resultado positivo após oito trimestres seguidos de desempenho negativo. Contudo, o resultado não significa que haverá melhora expressiva no desempenho da economia ao longo dos próximos meses.

Em termos setoriais, a principal contribuição ao crescimento do PIB veio da agropecuária (13,4%), impulsionada pelas exportações. O resultado, no entanto, é tipicamente sazonal. Mudando a base temporal de comparação, primeiro trimestre do ano contra o mesmo período do ano anterior, e o acumulado nos quatro trimestres, os resultados ainda são predominantemente negativos. A indústria também favoreceu a melhora do PIB, com variação positiva de 0,9%. Já os serviços, principal setor empregador no país, ficou estável no período.

Em termos da demanda agregada, o consumo das famílias e o investimento, que poderiam estimular a atividade econômica e, portanto, a ocupação, continuam em queda.

O desempenho das contas nacionais no segundo semestre de 2017 está atrelado aos possíveis desdobramentos da crise política, o que indica que a recuperação da economia deve ser lenta e o resultado, próximo da estagnação. Emprego e renda continuam comprometidos.

Segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), realizada pelo DIEESE, a Fundação Seade e outros parceiros, em maio de 2017, a taxa de desemprego ficou relativamente estável, em altos patamares, e houve movimentos ainda divergentes nos rendimentos.

No momento, não há sinais de recuperação. Entretanto, a menor intensidade dos movimentos desfavoráveis e a divergência de resultados apontam para estabilidade da taxa de ocupação², ainda que em patamar rebaixado. Em maio, a taxa foi de 49,5% - era de 55% em 2014. O desemprego, que cresceu aceleradamente entre fins de 2014 e de 2016, nos primeiros meses de 2017, aumenta mais devagar, contudo, continua persistente, prolongado e atinge mais de três milhões de trabalhadores em quatro

¹ IBGE. Contas Nacionais Trimestrais.

² Total de ocupados em relação à população em idade ativa (14 anos ou mais).

regiões metropolitanas. Em maio deste ano, na RM São Paulo, os desempregados levavam, em média, 43 semanas na procura por uma ocupação.

O saldo do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) foi positivo, em maio de 2017, com a criação de 34 mil empregos celetistas (foram 1.242 mil admissões e 1.208 mil desligamentos). Setorialmente tiveram participação importante o saldo do setor da agropecuária (46 mil). A construção civil continua apresentando saldo negativos (- 4 mil empregos) e o mesmo ocorreu com comércio (-11 mil), após resultado positivo em abril.

No que se refere ao saldo de empregos acumulados no ano, o resultado foi positivo em 48,5 mil, revertendo os números negativos registrados desde 2015. O saldo acumulado no ano é resultante dos bons números da agropecuária (77 mil), dos serviços (65 mil) e da indústria de transformação (34 mil). Comércio e construção civil apresentaram resultados negativos no número de empregos acumulados em 2017 (-121 mil e -25 mil, respectivamente).

Também com base no Caged, observa-se que o salário médio de admissão, em maio, foi de R\$ 1.442 contra R\$ 1.649 do salário de desligamento, valores em termos reais 3,8% e 3,0% maiores que os verificados para o mesmo mês do ano anterior, respectivamente. O salário médio de admissão corresponde a 87% do salário médio de um trabalhador desligado, ou seja, o trabalhador é contratado ganhando, em média, 13% menos do que aquele que foi desligado no período.

As estimativas mensais da Pnad Contínua³ mostram estabilidade, em patamar elevado, da taxa de desocupação, na ordem de 13,3% do total da população economicamente ativa. O número de desocupados no país é estimado em 13,7 milhões de pessoas. Há estabilidade em relação ao trimestre móvel imediatamente anterior (dezembro/2016, janeiro e fevereiro de 2017), mas representa mais 2,3 milhões de pessoas desocupadas em relação ao mesmo período do ano passado.

A ocupação segue caindo, fortemente impulsionada pela redução do número de assalariados com carteira de trabalho. No setor privado, a queda foi de 3,4% (menos 1,2 milhão de trabalhadores) na comparação com o mesmo período do ano anterior. Entre os conta própria, a queda foi de 2,6% (menos 599 mil trabalhadores). Já o número de trabalhadores sem carteira assinada apresentou crescimento de 4,1% (409 mil trabalhadores a mais). Ou seja, os sinais de piora do mercado de trabalho são nítidos. Por um lado, redução do emprego formal e, por outro, aumento de emprego informal.

Ainda segundo a Pnad Contínua, os rendimentos do trabalho estão estagnados. Como já dito antes neste boletim, não há dados que sinalizem melhora do desempenho econômico e do mercado de trabalho. Diante do observado na economia e da crise política, espera-se, no máximo, a estagnação econômica, com baixo nível de produção e de emprego, este ainda em condições bastante desestruturadas, com redução da contratação formal e aumento das inserções mais precarizadas. Há também o agravante das disputas em torno das reformas nas relações de trabalho e previdenciária. A

³ IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), estimativas obtidas a partir do trimestre móvel encerrado no mês de maio.

primeira, já aprovada no Congresso, certamente intensificará o quadro de precarização da inserção laboral no país.